

HOUVE ATÉ PROPAGANDA DE DESINFETANTE NO RECITAL, ONTEM, DE POESIA CONCRETA

Uma bomba estourou no palco, um gato atravessou a platéia, muitas palmas, assovios, vaias e piadinhas — Uma "orquestra de loucos", cujos membros têm medo dos instrumentos — Poesia que não diz nada e que quer, justamente, não dizer nada mesmo... — (Pagina 11)

FOLHA DA TARDE — Terça-feira, 4 de junho de 1957

HOUVE ATÉ PROPAGANDA DE DESINFETANTE NO RECITAL, ONTEM, DE POESIA CONCRETA

Abriam-se as cortinas do palco do Teatro Brasileiro de Comédia e apareceram nove pessoas em trajes comuns. Sete encaminharam-se para o centro; mas duas restantes ocuparam as extremidades laterais. A expectativa do público, que tomava quase todas as poltronas, podia ser medida pelo silêncio absoluto: ruído nenhum se notava. Os "atores" se entreolharam, um deles resolveu tomar a iniciativa e começou a ler: "A estrutura lógico-discursiva da linguagem tradicional..."

E foi nessa hora, em que os ouvidos se aguçavam ao máximo para não perder nenhuma palavra das que o ator dizia, que estourou uma bomba no palco do T.B.C. A assistência, chocada, manifestou-se em gritos de espanto e risadas, em vaias e "psiu" de silêncio. Parecia que havia sido preparada uma sabotagem ao espetáculo, ao espetáculo que atralra grande número de pessoas para ver uma coisa nova, inédita: um recital de poesia concreta. Poesia concreta, quando escrita, chama atenção pela disposição gráfica das palavras, que chegam a formar desenho. Mas poesia concreta declamada! Será isso possível?

Pois isso foi o que houve ontem à noite no Teatro Brasileiro de Comédia. Além da bomba, da qual já falamos, houve também miado de gato, propaganda de desinfetante, palmas (bastante), assobios (poucos e

timidos), vaias (acanhadas), gritos de "bravo" e perguntas de "já acabou?" quando a poesia estava ainda no começo.

Houve, também, no final, apresentação de música concreta, mas isso estava no programa e o leitor já sabe.

ISMOS

Os ismos imperam nas artes. Depois do abstracionismo, do dadalismo, do expressionismo, que se seguiu a uma série de ismos, surgiu o concretismo, que abrange pintura, poesia e música, entre outras formas de manifestações artísticas. Ontem tratou-se de poesia concreta e música concreta. Antes de falarmos do espetáculo em si, diremos que poesia concreta, segundo um de seus maiores cantores, é "um sistema de funções proposicionais deliberadamente esvaziadas de qualquer conteúdo, que podem assim receber qualquer conteúdo". Em outras palavras, é uma poesia que não diz coisa nenhuma, que não tem objetivo de conjunto, que não chinga ninguém, que não tem, enfim, qualquer significado. O poeta concreto não lida com idéias, apenas com formas. E as formas dos poetas concretos são as palavras. Para que o leitor julgue por si, publicamos dois poemas concretos dos "mais importantes e mais representativos do movimento". El-os:

branco	branco	branco	branco
vermelho			
estanco	vermelho		
	espelho	vermelho	
		estanco	branco
			haroldo de campos

DESINFETANTE

Agora que vocês já "sabem" o que é poesia concreta passemos ao recital de ontem. O palco do T.B.C. foi especialmente preparado. Peças de madeira (pareciam degraus para uma apresentação litúrgica durante a Semana Santa) foram dispostas de forma a permitir aos "atores" movimentarem-se e trocar de posição de acordo com as exigências do bom efeito sonoro da poesia. Cada um dos nove tinha em mãos a sua "partitura". Um poema concreto de dez palavras é dito por quase igual número de pessoas, cada uma das quais nem chega sequer, às vezes, a dizer uma palavra inteira. Ora expressa apenas uma sílaba, ora faz somente um movimento de boca para exteriorizar um som como, assim, um rosnar de gato. Ninguém na assistência entende nada de nada. O melhor ouvido consegue, no máximo, distinguir uma palavra de outra. Não há sequência, nem ritmo, muito menos rima. "Cada poema é uma realidade em si e não um poema pobre..." Quando um poema chega ao fim — e isso a gente fica sabendo porque os "atores" viram uma página de sua pasta — alguns batem palmas, outros sussurravam, a maioria não dizia nem fazia nada, o que parecia, na oc-

sião, a atitude mais prudente. Conforme as palavras, houve, também, vaias e ditos chistosos e zombadores.

Certo poema abusava de uma palavra que, dita por um dos declamadores, soava como "omo", com o primeiro "o" bastante prolongado, de forma quase idêntica à que se ouve no rádio como propaganda de determinado produto industrial. Poucos da assistência se contiveram. Foi o momento em que as vaias predominaram, entre assobios, gargalhadas e os "psiu" de silêncio provavelmente partídos da "escolinha" dos concretistas. Um representante do "movimento revisionista" ("Noite de Revisão"), virou-se para o colega e repetiu: "OOOOOOOMO! Você vê? Essa turma tem desinfetante na cabeça..."

SERES

As tantas apareceu um gato no teatro. Rejeitado, talvez com frio, ensaiou um miado que poderia comprometer inteiramente o espetáculo. Um assistente resolveu pegá-lo e o bichano, gostando do afago, ficou quietinho até quase o final da noite. Quando foi solto, entretanto, desceu por um corredor da platéia, pulou na borda da ribalta e adentrou o palco, atravessando-o de ponta a ponta para o que precisou, inclusive, de meter-se entre as per-

nas de um músico, pois aquela hora já havia terminado a recitação. O público viu nele motivo bastante para gargalhadas e cochichos, respondidos de pronto pelos já esperados "psiu" caladores.

ATOS

Entre a apresentação das poesias e da música, houve um intervalo relativamente grande. Grupos então se formaram para discutir o recital.

Flávio de Carvalho — cujo ismo artístico não coincide com o do concretismo — esteve presente e foi cercado de meticolosa observação. Muitos acreditavam que ali aparecera para armar "alguma" contra o espetáculo, já que entre o grupo de que ele faz parte e os "concretos" existe, já de algum tempo, certo clima de animosidade passiva que espera oportunidade para transformar-se em algo ativo. Mas Flávio portou-se bem, apesar de o Decio Pignatari ("concretista") ter garantido que partiram dele as piadinhas que se ouviram durante as declamações. Flávio de Carvalho assim definiu o recital: "Os atores são muito bons e conseguiram, do nada — que é essa coisa concreta, que não pode ser chamada de poesia — arrancar alguma coisa para oferecer à assistência. Como expressão arritmica que são, esses "poemas" sincronizariam, talvez, com o ballado, manifestação primitiva e que pode, também, ser arritmico. No mais, foi um espetáculo anodino."

Os moços da "Noite de Revisão" execraram a poesia concreta. "Uma negação absoluta", disse o líder de-se movimento irreverente, mas tão irreverente que nasceu morto.

A maioria das opiniões que ouvimos foi contrária à inovação. No final do espetáculo, entretanto, choveram palmas puras (sem assovios ou gritinhos), mas isso talvez seja hábito de quem frequenta teatro, onde se "usa" bater palmas nos finais.

Para terminar a noite, houve apresentação de música concreta: composição de Anton Webern (sinfonia opus 21). Falou-se que Webern foi um aluno de Schenberg que aproveitou os seus ensaios revolucionários da técnica musical e os avançou em muito. O mestre havia-se desprendido de tantas formas clássicas, com o dodecafonismo, mas não tivera condições para prosseguir. Webern se liberta do tom, descondiciona o ritmo do compasso, ilimita o tempo musical e consegue compor uma música-objeto, "que se realiza a si mesma". Para a assistência, contudo, pelo menos a primeira parte da apresentação da música, foi definida de duas maneiras: a) a independência de um instrumento em relação ao outro, a falta de ritmo,

de compasso e de tudo o mais que mostra a música como a gente está acostumado a ouvi-la, fez com que a composição concreta se parecesse nada mais nada menos com a afinação dos instrumentos de uma orquestra quando está se preparando para executar alguma coisa. Ouvia-se, de fato, o violino num acorde, a trompa na emissão de uma nota, uma bicada de harpa, mas tudo sem nenhuma relação entre si. b) como cada músico demons-

trava conhecer o instrumento, mas só tirava dele notas separadas e sem objetivo, tinha-se impressão de que se tratava de uma orquestra de loucos. De músicos que ficaram loucos de tanto estudar música e de manipular o respectivo instrumento, ao qual endeusaram e tinham medo de ferir.

A segunda parte da apresentação musical, que foi não tanto "revolucionária" como a primeira, caiu mais no gosto da assistência.

V V V V V V V V V V
V V V V V V V V V E
V V V V V V V V V E L
V V V V V V V V E L O
V V V V V V E L O C
V V V V V E L O C I
V V V V E L O C I D
V V E L O C I D A
V V E L O C I D A D
V E L O C I D A D E

ronaldo azeredo